

Uma “Q”rítica aparentemente real

A obra “1Q84” de Haruki Murakami é um romance peculiar pelo seu próprio universo romanesco característico da ficção do autor; quase remanescente do panorama *orwelliano*. Encontra-se presenteado com reflexões sobre subterfúgios distópicos contemporâneos provenientes de situações aparentemente vulgares. Composto por três volumes, “1Q84” retrata um mundo *quase* normal e cruza as histórias inolvidáveis das personagens Aomame, uma mulher muito independente e instrutora de artes marciais, e Tengo, um professor de matemática e aspirante a escritor. Ambos são mais do que aparentam ser e detetam subtis sinais de súbitas mutações à sua volta. «*Não se deixe iludir pelas aparências. A realidade é apenas uma.*»

Murakami, à semelhança da anterior obra “Underground”, volta, engenhosamente, a referenciar seitas religiosas. Desta vez, duas seitas ficcionais cuja existência é muito *conspícua*: “Sakigake” e a “Associação de Testemunhas”, ambas sob soberana lupa que as julga, ao pormenor, ao longo da obra. Outros problemas como o papel da Mulher na sociedade, a corrupção e a *sede* de poder são abordados francamente ou através de inteligentes metáforas que permitem elaborar uma brilhante crítica social.

Curiosamente, o título da obra joga visualmente com “1984”, que é o ano em que o enredo de “1Q84” decorre e é o título da clássica obra distópica de George Orwell. Inclui na sua etiologia um jogo homofónico, conjugando a pronúncia da letra Q em inglês com a pronúncia do número nove em japonês, reputado azarento na cultura.

Principiando a narrativa deste romance, Aomame viaja dentro de um táxi peculiar. A rádio toca a *Sinfonietta* de Janáček que ela, admirada consigo mesma, reconhece familiarmente durante a viagem, apesar de *nunca* a ter escutado. Entretanto, um congestionamento na autoestrada conjugado com a urgente iminência de um compromisso, conduzem-na a abandonar o veículo e descer pelas estreitas escadas de emergência, como atalho aconselhado pelo taxista.

Empós descender para um deserto de ninguém, começa, paulatinamente, a notar ligeiras mutações no mundo, mas quando indaga concidadãos percebe que só ela as denota, como a mudança dos uniformes da polícia de Tóquio. Aomame

acredita, genuinamente, que se transportou para um universo paralelo que apelida de 1Q84, colocando significado na letra Q como letra inicial de: Questão.

Inicialmente na narrativa, Tengo recebe uma proposta arrojada e pouco ética do editor Komatsu: uma participação ativa na conspiração literária, orquestrada por este, reescrevendo, em anônimo, a obra que vê como de enorme potencial: “A Crisálida de Ar”. A autora manter-se-á Fuka-Eri, criadora dessa suposta fantasia, de modo que esta possa arrecadar um prêmio literário para jovens escritores.

A vontade inicial de Tengo é afastar-se dessa proposição pela carência de moral ligada a este tipo de esquemas. No entanto, o enredo da obra “A Crisálida de Ar” é cativante e ímpar, deixando-o atraído pela proposta do editor e solicita uma reunião com Fuka-Eri. Tengo procede como se já a houvesse aceite, ato que é consolidado aquando a primeira conversa com a jovem escritora, cujo discurso oral se destaca pela falta de entoação nas perguntas que faz. Ele aceitara reescrever a obra:

“ TENGO

Discernir até onde vai a realidade e onde começa a ficção.

«Para além de despertarem um certo sentimento de ódio e controlo, são invisíveis. Indubitavelmente discretos, sem qualquer pormenor significativo que conduza ao despoletar da atenção. Ou talvez só não a queiramos mobilizar. Parece que andamos distraídos. Com memórias de uma realidade que já não nos pertence ou que nos passa ao lado; tal como eles. Afinal acaba por existir um culminar de todas estas dimensões num possível final trágico, não é? Que seres humanos desprezíveis.

Quase que anseio que esta vivência seja controlada por Eles, omniscientes. Que a conduzam para o tão doce toque que já sentiram e a recordem aquela perfeição que tanto idealizaram. Sentir os passos no chão sem vislumbrar de quem se trata. A conduzam às asas que lhe concedem a liberdade para sentir, no rosto, a sensação de se ser livre: ou do que eles querem que pense acerca do livre-arbítrio. Manter as algemas, mesmo com as chaves entranhadas na palma da mão. Sentir o rubor, o calor, o arder do querer sair e não poder. Do querer matar e se livrar da corda que não se vê; do sentir do sangue a escorrer por entre os dedos e a carne estilhaçada, ali. A apodrecer.

O casulo, com as suas breves fibras entrelaçadas, oriundas de uma tão bela

melodia trágica, aprisiona-a e apenas a deixa vislumbrar, lá fora, a luz do sol a se formar e uma breve balada que anuncia o decair da geração de Vanguarda. A lua beija a sua testa e conforta-a com um fino raio de luz que ilumina os seus medos e escurece a coragem. Deixa-os descobertos. Completamente à deriva. Todos os seus defeitos, as suas crateras, a sua textura rugosa, áspera, assemelham-se ao seu toque poético. Uma ode ao sangue que corre por entre os mais frágeis vasos sanguíneos: esperam o momento de se estilhaçar como uns cacos de vidro frente-a-frente com uma bala perdida.

Tem um efeito contrário, vislumbra o recompor da carne podre que verte, surpreendentemente, um sangue imaculado de qualquer maldade: dá-se formação de um desprezível ditador alheio ao que a alma sente e o coração vê. Alguém que emana uma pobreza de espírito tamanha e um ego em constante ascensão. Pessoas pequenas. Afinal, não somos todos assim? Nem mesmo lá no fundo? (talvez sejamos). A desilusão transparece nos seus pequenos olhos que encaram o chão. Não sabe o que pensar.

Sente os seus pensamentos a se metaformizarem numa leve nebulosa que paira sobre a cabeça do Outro: o que o outro projeta nela. Quase como se tivesse um irmão siamês: com o qual partilha qualquer detalhe, qualquer pormenor ou qualquer vontade de pensar (e não será assim?). Suga-lhe a individualidade e cada pinga do que a preenche - sem se querer dar conta (sem sequer pensar nisso).

Caminha de encontro à luz que se esconde por detrás dos dentes afiados do pensamento da eloquência. Repara no seu reflexo e teme o que possa fazer (afinal não há mais ninguém...). Não passa de um mísero fantoche (e tão pobre de espírito!) nas mãos de quem não a quer converter à essência humana, não faz questão de a destacar por entre os povos que coabitam o meio (curva-te perante o superior).

Aconselham-na a se vergar, mas asas detonam das suas omoplatas (e tão belas!), florescendo a ânsia, a realidade da liberdade que profere. Faz-se silêncio (não há nada a dizer). Não ouve a voz de quem se esconde por entre as circunvoluções do seu cérebro. Descarta a racionalidade (será livre?).

Cai abruptamente, não abre as asas ou sequer se lembra delas (se pensares não te magoarás, faz o que te digo). Sente as lesões que se abrem nos joelhos, o

sangue a escorrer por todo o corpo, os olhos marejados de lágrimas (abre as asas). Grita em êxtase (porquê?). Por quebrar a corda que não se vê. Arranca bruscamente a chave de entre os músculos, por debaixo da pele (vais te magoar, faz o que te digo).

Olha em redor, diretamente para o leitor. A mais bela sensação que a acompanha, verte por cada respingo de emoção e reflete-se nos batimentos cardíacos de quem a acompanha. Finalmente, conseguimos (será?).»

Relendo este excerto d'*A Crisálida de Ar*, Tengo ouvira palavras que não constavam escritas a ecoar na sua mente, como uma mensagem oculta que apenas ele teria acesso e que tentara reencontrar, mas em vão. Ele sabia que esta obra era uma peça de ficção única, juntando tanto virtudes como defeitos, e que «*parecia destinada a um propósito especial*»; no entanto, não lhe reconhecera habilidades psíquicas para lhe incutir pensamentos, intrinsecamente, políticos.

Julgo que o Povo Pequeno desempenhou um papel na mudança drástica que transformou a *Vanguarda*, de comunidade agrícola mencionada por Fuka-Eri, numa instituição religiosa com personalidade jurídica - a mente de Tengo ecoa. A partir do momento que se recebe esta designação pelo governador, torna-se difícil às forças policiais desencadearem investigações no terreno, uma vez que isso representaria uma ameaça ao direito à liberdade religiosa garantida pela Constituição, facilitando o encobrimento de possíveis crimes praticados dentro da comunidade.

Parece-me que a Fuka-Eri está a tentar transmitir uma ideologia ao incluir o Povo Pequeno n'*A Crisálida de Ar*, como Orwell incluiu o ditador Grande Irmão, no seu romance, *1984*. Agora, no real ano de 1984, um Grande Irmão seria óbvio; se aparecesse à nossa frente, saberíamos identificá-lo. «*Não há lugar para um Grande Irmão no mundo real dos nossos dias. Em vez disso, entrou em cena este alegado Povo Pequeno. O Povo Pequeno é uma presença invisível.*» Articulou Tengo. “
[*Fuka-Eri interpretada por Daniela Cabral, Tengo interpretado por Luís Ramos.*]

Na generalidade dos romances, existe uma metafísica não examinada em que as personagens adjacentes aos mesmos romances não têm preocupações para além das complexidades das circunstâncias e seus relacionamentos. No entanto, ao longo da obra de Murakami, as personagens expressam, explicitamente, o seu ponto de vista sobre a natureza do tempo, mudanças à sua

volta e a consciência disso. Estes fenómenos remetem os leitores para uma perspetiva compreensiva sobre a perplexidade que possam sentir quando ocorrem mutações enigmáticas no ambiente à sua volta.

A obra acaba por ser, então, um lufada de ar fresco e compreensivo a quem, como as personagens, sente que foi introduzido, repentinamente, num labirinto universal. Sendo assim, acolhido sobretudo pelo público juvenil cujo problema de identificação pessoal está copiosamente presente no seu quotidiano.

Segundo Murakami, os cultos energizam-se de forma preocupante e eficaz da necessidade das pessoas por histórias, quase que alternativas à realidade em que se inserem. Por vezes a verdade pode ser dolorosa, as pessoas procuram histórias reconfortantes que as fazem sentir esperança e sentido na vida. Especialmente, durante situações sem precedentes como guerras, crises financeiras ou pandemias.

Uma das características da escrita de Murakami é a contemplação do quão bizarra é a nossa realidade contemporânea. Incorpora elementos surrealistas e fantásticos na sua narrativa para que nós, os leitores, reflitamos sobre nós enquanto ser e enquanto membros da sociedade moderna.

No universo de críticos literários, Haruki Murakami é, anualmente, referido como possível vencedor do prémio Nobel da Literatura, apesar das críticas desfavoráveis, por vezes, pelo preconceito face à popularidade entre o público juvenil e, conseqüentemente, superficial aos seus olhos. O sucesso fala por si: trata-se de um autor cuja arte se encontra traduzida em inúmeros idiomas e comercializada ao redor do mundo, como se saciasse e interpelasse a descoberta interior por parte do leitor (mesmo que isso lhe passe despercebido).